

## Carta LXX (do Livro VIII das *Cartas morais a Lucílio*) Lúcio Aneus Sêneca

Tradução e notas de Alexandre H. Reis, com revisões de Gabriela Weisman.

Traduzido do latim de: SÊNECA, Lucius Annaeus. *Ad Lucilium epistulae morales*. Edição crítica de L. D. Reynolds.  
Oxford: Oxford University Press, 1965.

1. Depois de longo intervalo, vi os teus Pompeios.<sup>1</sup> Fui trazido de volta à vista da minha juventude [*adulescentiae*];<sup>2</sup> tudo o que eu, jovem, havia feito ali, parecia-me ainda possível de fazer e até mesmo feito pouco antes.
2. Navegamos adiante,<sup>3</sup> Lucílio, pela vida, e como no mar, segundo diz *nosso Virgílio*,<sup>4</sup> “a terra e as cidades se afastam”, assim, nesse percurso do tempo rapidíssimo, primeiro ocultamos a infância, depois a juventude, depois aquilo que está entre o jovem e o velho, posto na fronteira de ambos, depois os melhores anos da própria velhice; por fim, começa a se mostrar o fim público da raça humana.
3. Pensamos que aquele rochedo [*scopulum*]<sup>5</sup> é o mais louco: é porto, que às vezes deve ser buscado, mas nunca recusado; nele, se alguém for levado nos primeiros anos, não deve reclamar mais do que aquele que navegou rápido demais. Pois, como sabes, os ventos preguiçosos brincam e detêm uns, e cansam outros com o tédio da mais lenta tranquilidade; um sopro persistente conduz outro muito rapidamente.
4. Pensa que o mesmo acontece conosco: a vida trouxe alguns muito depressa ao lugar<sup>6</sup> onde deviam chegar, mesmo que hesitassem; outros consumiu e forçou. Essas coisas, como sabes, não devem sempre ser retidas; pois não é bom viver, mas viver bem.<sup>7</sup> Por isso o sábio viverá o quanto deve, não o quanto pode.
5. Ele verá onde vai viver, com quem, como, o que vai fazer. Sempre pensa qual tipo de vida [*vita*] (não quanta) seja. Se muitas coisas surgem incômodas e perturbam a tranquilidade, ele se desprende; e não faz isso apenas na necessidade extrema, mas assim que a fortuna começa a ser suspeita, observa cuidadosamente se deve desistir dali. Não pensa que decidir, terminar ou aceitar o fim, tardar ou antecipar, lhe trará algum benefício; não teme como se fosse uma grande perda; ninguém pode perder muito por gotejamento.

---

<sup>1</sup> Pompeios refere-se aos habitantes de Pompeia, cidade da Campânia, na Itália.

<sup>2</sup> ...*in conspectum adulescentiae meae reductus sum*. Para os interessados nos estudos do latim, aqui uma construção interessante com passivo deponente (“*reductus sum*”) usada para expressar o sujeito sendo trazido à memória ou à visão da própria juventude, evocando a ideia de voltar no tempo mentalmente.

<sup>3</sup> ...*prae-navigavimus, Lucili, vitam...* Praenavigavimus verbo composto formado por “prae-” (antes) + “navigare” (navegar), criado por Sêneca para expressar o percurso antecipado da vida e uma metáfora náutica para o tempo.

<sup>4</sup> ...*Virgilius noster*. Grifo nosso. O poeta romano Virgílio (Publius Vergilius Maro, 70–19 a.C.) é mencionado como uma autoridade literária e filosófica. O trecho alude ao “Eneida”, onde a passagem sobre o mar e a terra que desaparece é simbólica da passagem do tempo e da vida: “a terra e as cidades se afastam”, Virgílio, Eneidas, III, 71.

<sup>5</sup> *Scopulum*. Metáfora para a morte, vista como rochedo perigoso que pode afundar navios. Sêneca inverte a metáfora do rochedo fatal (naufrágio) em “porto desejável” ou porto seguro: essencial destacar essa inversão no tom. A imagem do *scopulum* era usada frequente na literatura antiga para representar a inevitabilidade da morte.

<sup>6</sup> ...*velocissime adduxit quo veniendum erat*. uso do superlativo “*velocissime*” intensificando a rapidez com que a vida conduz ao destino. O verbo “*adducere*” (conduzir, levar a) enfatiza o movimento inevitável da vida.

<sup>7</sup> *Vivere bene*, não apenas *vivere*. Distinção fundamental na filosofia antiga: o importante não é a duração da vida, mas sua qualidade, a vida vivida com virtude, sabedoria e serenidade.

6. Morrer cedo ou tarde não importa; importar é morrer bem ou mal; morrer bem é evitar o perigo de viver mal.<sup>8</sup> Por isso considero a voz mais delicada daquele Ródio (Rhodii)<sup>9</sup> que, quando lançado na jaula pelo tirano e alimentado como um animal selvagem, aconselhado a se abster de comida, disse: "Tudo deve ser esperado pelo homem enquanto ele vive."
7. Para que isso seja verdade, a vida não deve ser comprada a qualquer preço. Algumas coisas, embora grandes e certas, não merecem perdão diante daquela confissão vil da fraqueza: deva eu pensar naquele que vive que pode tudo na fortuna, ou antes naquele que sabe que, ao morrer, nada pode a fortuna?
8. No entanto, às vezes, mesmo se a morte certa se aproxima e a punição predestinada é conhecida, não se entrega voluntariamente às mãos da pena; entregaria a si mesmo. É loucura morrer por medo da morte: vem aquele que deve matar, espera. Por que te apressas? Por que acolhes a responsabilidade da crueldade alheia? Será que invejas o carrasco ou poupas?
9. Sócrates<sup>10</sup> poderia ter acabado sua vida pela abstinência e morrer de inanição em vez de veneno; contudo, passou trinta dias na prisão e na expectativa da morte, não com o espírito de que tudo poderia acontecer, como se muitas esperanças recuperasse durante esse tempo, mas para se submeter às leis, para dar aos amigos o último usufruto de Sócrates. Que coisa mais tola que desprezar a morte e temer o veneno?
10. Scribônia<sup>11</sup>, mulher grave, era tia de Druso Libão, jovem tão tolo quanto nobre, esperando maiores feitos do que alguém naquela época poderia esperar ou que ele próprio poderia. Quando ele foi levado doente em liteira pelo senado, não para um funeral verdadeiramente frequente — pois todos os necessários já o haviam abandonado impiamente, e não o réu, mas o funeral — começou a considerar se cometeria suicídio ou esperaria. A ela Scribônia disse: "Por que te deleitas em tratar de coisa alheia?" Não o persuadiu; ele tomou a mão por si mesmo,<sup>12</sup> e não sem razão. Pois após o terceiro ou quarto dia, se ele vivesse, teria que morrer por vontade dos inimigos; estava tratando de coisa alheia.
11. Portanto, não podes declarar categoricamente sobre a questão,<sup>13</sup> quando a morte se anuncia externamente, se deva ser antecipada ou esperada; pois há muitas coisas que podem puxar para ambos os lados. Se uma morte vem com tormento, a outra é simples e fácil, por que

<sup>8</sup> ...*effugere male vivendi periculum*. "Escapar ao perigo de viver mal": princípio estoico que considera que morrer pode ser uma maneira de evitar viver sem virtude, mas sempre com sabedoria e coragem. A expressão que joga com a forma verbal "effugere" (fugir, escapar), o gerúndio "vivendi" (de viver) e o substantivo "periculum" (perigo), formando uma frase de ritmo e paralelismo marcantes, típica da prosa estoica.

<sup>9</sup> ...*delicior mihi videtur vox Rhodii illius*. Rhodii: Genitivo singular de Rhodius ("de Rodes"). O personagem não é identificado em outras fontes; trata-se de um exemplo anedótico, provavelmente de origem estoica ou cínica. A construção indica um tipo exemplar, não um indivíduo histórico. O uso de *delicior vox* pode sugerir uma resposta mais passiva, em contraste com a ética estoica do "suicídio" racional.

<sup>10</sup> Sócrates, condenado à morte por um tribunal ateniense, optou por cumprir a pena legal, ingerindo cicuta conforme descrito por Platão (cf. *Fédon* 115b–118a), em vez de fugir ou antecipar a morte. A referência de Sêneca enfatiza o contraste entre a possibilidade de um suicídio voluntário (por inanição) e a escolha deliberada de morrer segundo a lei. O paralelo com a própria morte de Sêneca (que acontecerá de forma inesperada no mesmo ano em que estava escrevendo a obra), forçada por Nero (cf. TÁCITO, *Annales* XV, 60–64), sugere uma ética comum da dignidade diante da morte imposta.

<sup>11</sup> *Scribonia*. Mulher romana que simboliza o debate moral sobre o suicídio em face da morte certa, mostrando a tensão entre esperar e antecipar a morte.

<sup>12</sup> ...*manus sibi attulit*. Literalmente: "trouxe a mão a si mesmo", um eufemismo elegante para o suicídio. O verbo "afferre manus" é uma expressão idiomática do latim para "cometer suicídio", muito usado na literatura clássica. Impossível não lembrar a expressão *hand an sich legen*, título do ensaio de Jean Améry (*Hand an sich legen. Diskurs über den Freitod*, 1976), trata-se de um idiomatismo alemão que designa o ato de se suicidar, literalmente "pôr a mão sobre si mesmo".

<sup>13</sup> ...*non possis itaque de re in universum pronuntiare*. Construção formal e retórica comum no latim clássico, com o verbo "pronuntiare" (pronunciar, declarar formalmente), marcando o tom dialético da argumentação.

- não deve a mão ser aplicada àquela? Assim como escolho o navio para navegar e a casa para morar, assim escolho a morte para sair da vida.
12. Além disso, assim como não é necessariamente melhor uma vida mais longa, também é certamente pior uma morte mais longa. Em nada mais do que na morte devemos agir com costume na mente. Que saia para onde quer que tenha impulsão: quer busque a espada, a corda ou algum veneno que atinja as veias, que prossiga e quebre as correntes da servidão. A vida deve ser aprovada pelos outros, a morte por si mesmo: é a melhor aquela que agrada.
  13. São pensamentos tolos: "Alguém dirá que agi com pouca coragem, alguém com muita imprudência, alguém que meu tipo de morte foi mais corajoso." Queres pensar que a decisão está nas mãos e não na fama! Observa apenas isto, que te retires da fortuna o mais rápido possível; caso contrário, estarão presentes os que julgarão mal o teu ato.
  14. Encontrarás também aqueles que professam sabedoria e negam que deva ser imposta a força à própria vida e consideram um pecado ser o próprio assassino: que o fim que a natureza decretou deve ser esperado. Quem diz isso não vê que fecha o caminho da liberdade: nada melhor fez a lei eterna do que nos dar uma única entrada para a vida, mas muitas saídas.
  15. Esperarei, mesmo a crueldade da doença ou do homem, quando posso passar pelo meio dos tormentos e afastar os contrários? Esta é a única razão pela qual não podemos nos queixar da vida: ninguém a possui. As coisas humanas estão num bom lugar, pois ninguém é miserável a não ser por seu próprio defeito. Agrada? Vive; não agrada? Pode-se voltar de onde se veio.
  16. Para aliviar a dor de cabeça, tuas vezes misturaste sangue; para enfraquecer o corpo, a veia é perfurada. Não é preciso abrir o peito com grande ferida: abre-se com o bisturi o caminho para aquela grande liberdade e a segurança consiste num pequeno corte. O que então nos torna preguiçosos e inertes? Nenhum de nós pensa que um dia deve sair desta morada; assim os velhos moradores são retidos pela indulgência do lugar e pelo costume, mesmo entre ofensas.
  17. Queres ser livre contra este corpo? Age como quem vai partir. Propõe a ti mesmo que algum dia deves estar livre dessa companhia: serás mais forte para a necessidade de partir. Mas como chegará o teu fim à mente de quem deseja tudo sem fim?
  18. Nenhuma meditação é tão necessária; outras podem ser exercitadas em vão. O espírito está preparado contra a pobreza: as riquezas permaneceram. Para o desprezo da dor nos armamos: a felicidade corporal íntegra e saudável nunca nos exigiu o teste desta virtude. Ordenamos a nós mesmos suportar corajosamente o desejo dos perdidos: a fortuna salvou todos os que amávamos.
  19. Chegará o dia em que se exigirá o uso desta única coisa. Não pense que esta força só pertence a grandes homens que romperam as cadeias da servidão humana; não pense que os juízes julguem que isso só pode ser feito por Catão,<sup>14</sup> que não emitiu sua alma pela espada, mas a tirou pela mão; homens de sorte vilíssima escaparam para a segurança com grande impulso, e quando não lhes foi permitido morrer confortavelmente nem escolher os instrumentos da morte segundo sua vontade, agarraram o que encontraram e fizeram suas armas, que a natureza não tinha nocivas, nocivas pela força.
  20. Recentemente, num jogo de gladiadores (*ludus bestiariorum*),<sup>15</sup> um dos germânicos, enquanto se preparava para os espetáculos matutinos, retirou-se para aliviar o corpo — não se lhe dava outro segredo sem guarda; ali encheu a garganta toda com uma esponja posta

---

<sup>14</sup> Catão, o Jovem é talvez o maior símbolo romano do estoicismo e da liberdade. Ficou célebre por tirar a própria vida após a derrota de Pompeu para evitar submeter-se a Júlio César. Seu gesto é interpretado como suicídio honroso e afirmação da autonomia moral.

<sup>15</sup> *Ludus bestiariorum*. Espetáculo romano de gladiadores contra feras, símbolo da crueldade e da luta pela vida e morte, também usado aqui para exemplificar coragem e virtude

para limpar as impurezas e, com as vias fechadas, sufocou o espírito. Isso foi insultar a morte. Assim mesmo, pouco limpo e pouco decente: o que há de mais tolo do que morrer com fastídio?

21. Oh homem valente, digno de receber a escolha do destino! Quão bravamente ele usaria a espada, quão corajosamente se lançaria na profunda altura do mar ou do penhasco cortado! De todos os lados desprovido, descobriu como devia dever a si mesmo a morte e a arma; como sabes, para morrer nada há mais tardio que querer. Que se pense do fato do homem muito aguerrido como cada um quiser, enquanto isso permanecer, que preferirias a morte mais pura à mais pura servidão.
22. Como comecei a usar exemplos sujos, continuarei; pois mais se exigirá de cada um se vir que esta coisa pode ser desprezada até pelos mais desprezíveis. Catanos, Cipiones e outros que costumamos ouvir com admiração são considerados acima da imitação; agora mostrarei que essa virtude tem tantos exemplos no jogo de gladiadores quanto nos líderes da guerra civil.
23. Quando, recentemente, alguém era levado entre as guardas para o espetáculo matutino, balançava a cabeça como se estivesse dormindo, a abaixou tanto até encostar nos raios (de sol), e manteve-se assim no assento até quebrar o pescoço com o movimento da roda; fugiu no mesmo veículo em que era levado para a pena.
24. Nada impede aquele que quer explodir e sair: a natureza nos guarda em aberto. Quem permite sua necessidade, olhe suavemente para a saída; quem tem várias mãos pelas quais se sustenta, que escolha a mais desejada e considere por onde será mais livre; quem tem oportunidade difícil, agarre a próxima como a melhor, mesmo que seja inédita, mesmo que seja nova. Não faltará engenho para a morte a quem não faltar alma.<sup>16</sup>
25. Vês como também os escravos mais extremos, quando a dor lhes dá estocadas, se excitam e enganam as custódias mais atentas? Aquele homem é grande que não só ordenou a morte para si, mas a encontrou. Do mesmo ofício te prometi vários exemplos.
26. No segundo espetáculo naval, um dos bárbaros afundou toda a lança que recebera contra os adversários em sua própria garganta. "Por que, por que," disse, "não fujo já de todo o tormento, de toda a zombaria? Por que espero a morte armado?" Esse espetáculo foi tanto mais vistoso quanto os homens aprendem a morrer mais honestamente do que a matar.
27. Que dizer? Esses espíritos depravados ou mesmo criminosos manifestam uma conduta extrema; nós, porém, a quem uma longa prática e o uso da razão, mestra universal, prepararam para enfrentar todas as contingências, não manifestaremos o mesmo. A razão ensina-nos que as vias do destino são diversas, mas o fim é o mesmo,<sup>17</sup> e nada importa o ponto de partida do que é inevitável.
28. A mesma razão aconselhará que, se possível, morras do modo que te agradar; se não, que morras do modo viável. Isto é, que aproveites as circunstâncias para escolher tua forma de morrer! É injusto viver impetuosamente, mas, pelo contrário, é belíssimo morrer num ímpeto.<sup>18</sup> Adeus.

---

<sup>16</sup> ...*non deerit ad mortem ingenium cui non defuerit animus*, sintagma final, com paralelismo forte entre "*ingenium*" (engenho, capacidade) e "*animus*" (alma, coragem), enfatizando a condição para a morte digna..

<sup>17</sup> ...*fati varius accessus, finem eundem*. Estrutura paralela com aliteração do som "f" e antítese entre "*varius accessus*" (acessos variados) e "*finem eundem*" (o mesmo fim), reforçando a ideia estoica do destino inevitável mas multifacetado.

<sup>18</sup> Na frase em latim *Iniuriosum est rapto vivere, at contra pulcherrimum mori rapto* o termo *rapto* deriva do verbo *rapere*, que significa "arrebatar", "levar de repente" ou "impulsionar com força". Aqui, *rapto* expressa uma vida vivida de modo impetuoso, sem controle, o que é considerado injusto ou inadequado (*iniuriosum*). Por outro lado, a morte repentina, tomada num momento de arrebatamento ou impulso, é valorizada como algo *pulcherrimum* (muito belo, admirável). Essa oposição enfatiza a virtude da escolha consciente da morte, em contraste com a falta de controle que marca uma vida vivida "arrebatada" ou dominada por forças externas.